



EDITORIAL

O REAL OBJETIVO DA REVISTA DISCENTES

Aceitando forçadamente, afinal ele não gostava de badalações, Graciliano Ramos compareceu a uma vernissage para autografar alguns exemplares de seu livro recém-lançado: São Bernardo, isso em 1934. Ao sentar-se à mesa, uma pequena fila já estava formada, cada um com seu livro, esperando sua vez de ter, de próprio punho, uma assinatura do Graciliano. Ele pegou o primeiro livro e, ao invés de autografá-lo, pôs-se a ler o primeiro capítulo. Eis que se deu então, uma cena inusitada: já nas primeiras linhas de sua rápida leitura, Graciliano sacou do bolso do paletó uma caneta e começou a fazer correções em seu texto, que certamente já houvera sido lido e relido diversas vezes à exaustão. Riscou uma palavra aqui, outra ali e, esquecendo do público que o aguardava, mergulhou na correção por uns cinco minutos. De repente, lembrou-se do motivo de sua presença ali. Olhou para a fila e, mostrando-se descontente com seu texto, fechou o livro e, devolvendo-o ao primeiro da fila, disse-lhe secamente:

- Essa porcaria não presta, não.

Guardou a caneta no bolso e foi embora. Mas o episódio nos é de grande utilidade e de grande ensinamento. Veja-se: ao lançarmo-nos neste trabalho, não temos a intenção de construirmos um texto perfeito, irrepreensível, irretocável. Esse texto não existe. O que realmente nos move é o simples ato de escrever. Porque quem escreve, exerce um ato social e político. Escrever é manifestar sua vontade, é posicionar-se sobre determinado assunto; é contar uma experiência vivida ou uma estória extraída de sua criatividade, colocando-se desnudo ou desnuda, corajosamente, sob o julgo alheio.

Quem lê, ainda que íntima e silenciosamente, exara uma sentença ao texto lido: “gostei, não gostei; é bom, é ruim; presta, não presta; vou recomendar ao fulano, meu amigo; nossa, que perda de tempo”. Por isso, escrever é um ato de coragem; quem escreve, não o faz a si, mas escreve para que seu texto ganhe asas e voe para muito longe. Bom ou ruim, isso não importa. É uma questão subjetiva porque depende do gosto, do estilo, das preferências de cada um. Importa-nos, sim, o escrever como exercício cidadão, como exercício de forja da própria consciência, como exercício político, de participação social.

Nem o Graciliano, nem o Érico, ou o Machado. A Lígya ou a Clarice; nenhum deles está, esteve ou estará plenamente satisfeito com os textos que produziram e, se um dia estiverem, estarão dando as mãos à estagnação. Eles não procuram o texto perfeito, mas entregam-se a um exercício extremamente enriquecedor: o de escrever. Cremos, desta forma, responder às questões que nos foram direcionadas. Boa leitura a todos.